

UMA ESCUTA SENSÍVEL: A PRODUÇÃO TEXTUAL PELA LEITURA DAS EMOÇÕES E SENTIDOS

Adriana Ofretorio de Oliveira Martin Martinez
Viviani Domingos Castro
Lilium Ricarte de Oliveira

Resumo: A aquisição da língua escrita vai além da decodificação simbólica e/ou sonora. Ela perpassa sentidos outros de constituição do sujeito leitor, como as emoções, as sensações e produção de sentidos. O presente minicurso constitui-se uma oportunidade de entrelaçar as sensações de ouvir, perceber, olhar, ou seja, a percepção relacional dos cinco sentidos humanos, em dinâmicas de percepção e criação verbal buscando a inserção do sujeito em um processo de criação textual seja ele poético ou não. Com isso, buscamos dinâmicas de elaboração textual que estimulasse vivências táteis, sonoras, sensitivas e motoras, balizados pelo referencial teórico-metodológico de uma atividade textual livre, com pressupostos nas ideias Freinetianas de criação linguística. Dividido em momentos específicos de experiência sensoriais, a criação do texto livre será um modo outro de entrelaçar estas vivências oportunizando ao autor-leitor ser produtor de uma escrita própria, explorando os diversos sentidos que um texto pode conter, seja ele vernáculo, sensorio ou verbal.

Palavras-chave: Produção textual; leitura; emoções e sentidos.

Uma proposta relacional entre vivências sensoriais e escrita

A ideia inicial de desenvolver um minicurso para o 21º Cole – “Leituras Dissonantes”, parte de uma inquietação sobre os modos de produção textual já conhecidos, que, na maioria das vezes, partem da fala ou leitura textual como referência de criação. Assim, queríamos oportunizar aos participantes do evento a possibilidade de vivências outras de produção textual, que perpassaria a escrita, mas também a pintura, elegendo vivências sensoriais como mote de criação. Por isso, a dinâmica desenvolvida com o grupo participante do minicurso elegeu estratégias visuais, sensoriais, motoras, para estimular a percepção do meio, das diversas linguagens texturas e aromas que o compõem.

Entre dinâmicas corporais de movimento, escrita narrativa, descritiva, opinativa, percepção sensorial de uma história infantil narrada, criação pictórica, promovemos um ambiente reflexivo sobre práticas outras de criação textual que elegeram as experiências como elemento provocador da escrita e criação não escrita, porém textual.

O presente texto tem como objetivo apresentar a dinâmica desenvolvida neste minicurso, desvelando possibilidades dialógicas entre as experiências de vida profissional e pessoal de professores, visto que nosso público foi de professores em formação inicial, de anos iniciais na carreira e, também, professores com uma riquíssima experiência docente. O texto livre, na abordagem freinetiana, também compôs nossa proposta de produção, na tentativa de refletir que nossa formação profissional passa, necessariamente, pela elaboração de sentidos sobre a nossa experiência.

Dinâmica do minicurso

Uma importante preocupação das professoras organizadoras do minicurso foi proporcionar um ambiente de criação textual que tivesse como mote as experiências/vivências da própria oficina. Por isso organizamos o tempo com alguns momentos de experimentações sensoriais e motoras.

Foram elas: 1) corporal (dinâmica de repetição de movimento e som em dupla), 2) visual e sonora (vídeo com fotos das experiências profissionais das professoras organizadoras do minicurso), 3) sonora (leitura de um texto) e 4) pictórica e sonora (desenho e pintura livre tendo como suporte musical canções da bossa nova, instrumental, entre outras), intercalando entre esses momentos a produção escrita e o diálogo. Assim, o nosso *chronos*¹ passa a ser *kairós*, pois as próprias vivências, proporcionadas pelas relações constituídas no minicurso, geriram e reorganizaram um cronograma inicial de atividades programadas. Muitas das produções planejadas deram lugar à uma escuta e diálogo sobre as experiências de vida e profissão dos profissionais que participaram deste encontro-minicurso e também sobre as expectativas deste momento formativo o congresso. Com isso, as experiências sensoriais planejadas, bem como as produções e criações escritas, foram sendo redimensionadas a medida que aconteciam.

Entretanto permanece dois conceitos em nossa proposta: de criação e criatividade. O princípio explicativo deles parte do referencial teórico da Psicologia Histórico Cultural, especificamente dos estudos de Vigotski (1999, 2009) sobre o tema. O autor apresenta que a atividade da criação só é possível pelo acúmulo de experiências vividas na relação com a história da coletividade. Uma história materialista, cultural e dialética.

Desse modo, quando Vigotski (2009) desenvolve a tese da imaginação como uma produção dialética, histórica, que afeta e produz os sentidos culturais, com isso, ele reitera a sua argumentação teórica sobre o caráter materialista e histórico do desenvolvimento de nossa psique, o que define que toda a criação humana parte daquilo que já experienciamos e conhecemos. “[...] tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Por isso, as dinâmicas do minicurso foram elaboradas no intuito de promover um ambiente de criação textual, com os mais diversos estímulos sensoriais que pudessem resgatar, nos participantes, sentidos do já conhecido e vivenciado em produções textuais, assim como, proporcionar vivências novas.

Das vivências

Iniciamos com uma roda de conversa para conhecer um pouco mais cada participante: de onde vinham, a formação inicial, onde trabalhavam, as expectativas, enfim, um conhecer-se inicial. Assim, inicia-se o diálogo de um grupo formado por muitas mulheres, professoras, algumas são mães, moram em cidades próximas, outras de cidades mais longínquas. Mas todas muito interessadas naquilo que o minicurso oferecia: a produção textual pelas vivências sensoriais e motoras. Neste momento, Benjamin (2004) e Bakhtin (2004) dialogam conosco neste texto, por dois motivos: a produção história de nossas experiências, nas/pelas/com as relações de outrem, e o discurso que nos constitui.

Para Benjamin, o sujeito que narra, que assume o papel de narrador “O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (BENJAMIN, 2004, p. 211). Com isso, ele nos apresenta que o verdadeiro narrador é o sujeito que ouve as histórias, despe-se de todo o psicologismo das interpretações para poder contá-las. O primeiro ouvir no minicurso passa por esta definição de Benjamin, pois cada participante se fez narrador de sua própria história e esta construção oralizada, sem ter a qualidade de análise psicológica das situações enunciadas, tem seu desfecho final em uma

¹ De acordo com a mitologia grega, *chronos* é a definição do tempo cronológico, ou seja, os anos, os meses. Esta definição se difere do tempo subjetivo, o *kairós*.

escrita, com caráter descritivo, e quiçá reflexivo², das expectativas com a experiência do minicurso. Ou seja, compreendemos que as expectativas e interesse com a proposta de diálogos e vivências no minicurso, passou pela história de vida, profissão de cada uma das participantes, que foi sendo tecida por diversos contextos e discursos de produção de sentidos. Com isso, retomamos Bakhtin (2004) para nos afirmarmos em nossa proposta de produção textual e dialógica, pela mobilização dos sentidos: o eu é resultado de um nós, ou seja, eu me vejo/sou constituído pelo olhar do outro. Mesmo que esta premissa não esteja nítida para o sujeito, nossa história é constituída pelos discursos de outrem./pelas vivências discursivas.

O terceiro momento, após a primeira escrita, foi uma dinâmica de movimento corporal. A intenção foi proporcionar um momento inusitado de concentração corporal, resgatando a sensibilidade aos movimentos e criação de sentidos outros que este momento poderia gerar. A dinâmica de contar até o número três foi feita em dupla. A contagem deveria ser alternada, então, logo após o número um ser dito por um sujeito da dupla, o número dois deveria ser falado pelo outro e assim sucessivamente. A concentração e atenção à tarefa se misturou às risadas dos participante com relação à própria dinâmica, pois não foi uma tarefa tão fácil como parecia. Em seguida cada número deveria ser substituído por um único movimento. Neste ponto, surge a criação do movimento corporal: inusitado, coletivo e expressivo.

Findada esta divertida dinâmica, percebemos que o sorriso e a descontração fizeram parte do contexto. Em seguida, passamos um filme com fotos das vivências profissionais das três professoras que organizaram o minicurso. Esta proposta partiu da intenção em resgatar sentimentos, sensações e lembranças relacionados à história profissional e pessoal como alunos, de cada participante, para em seguida produzir um texto de formato narrativo a partir de três questões: como o vídeo me afetou? O que emergiu nesta vivência? Quais emoções e memórias surgem?

Fizemos a leitura do texto “Esqueceram a maçã”, de Célestin Freinet (FREINET, 1991, p. 30) em que, de maneira sensível, relata a alegria das crianças diante de algo considerado encantador por elas. Seu modo de escrita nos coloca frente a frente a essas crianças e nos leva a refletir sobre como acolhemos no nosso cotidiano escolar estes acontecimentos fundamentais para eles.

Após esta vivência/escuta atenta, oferecemos um momento de produção pictórica, sobre as emoções e memórias que até então foram surgindo com as vivências no minicurso. Para tanto, disponibilizamos diversos materiais como carvão, canetinha, giz de cera, pincéis, tinta guache, enfim, um contexto de possibilidades para a criação.

Durante este momento colocamos algumas músicas com o objetivo de somar à experiência sonora e despertar sentidos para a elaboração de sua produção. As canções Redescobrir, de Gonzaguinha, interpretada pela Elis Regina, Tocando em Frente, de Almir Sater e Renato Teixeira, interpretada por Almir Sater, Cello Suite nº1, de Johann Sebastian Bach, interpretada por Yo Yo Ma, Somewhere over the rainbow, de Harold Arlen e E. Y. Harburg, interpretada por Israel Kamakawiwo’ole. Cada composição se remetia a um lugar, uma expressão musical, um modo de cantar, tocar e ilustrar a vida por meio dos sons. Com isso, o repertório de experiências sensoriais foi sendo constituído e constitutivo das vivências propostas neste momento formativo. O resultado foram obras de arte únicas e expressivas.

Findado este momento colorido de produção, organizamos novamente a roda para que pudéssemos contar de um modo bem diferente a história “O silencioso mundo de Flor” de Cecília Cavalieri França. Entregamos vendas para que os participantes não olhassem, mas apenas ouvissem e sentissem a história pelo olfato, audição e o tato. Com isso, usamos recursos que “ilustraram”, por estes sentidos, o enredo declamado: tecidos, instrumentos de percussão

² A palavra quiçá se refere à possibilidade de transgressão dos sentidos da escrita pelos sujeitos narradores, atrelando a ela um processo reflexivo e problematizador do episódio contado, pois, num primeiro momento a orientação da atividade de escrita se baseava apenas no narrar.

como tambor, chocalho, caxixi, pandeiro, materiais como algodão, essências aromáticas de alecrim e lavanda, pó de café, Enfim, contamos essa história por um modo outro de escuta.

O tempo *chronos* novamente se distanciava do nosso *kairós*, havia tanta coisa ainda para escrever e criar. Optamos em realizar um diálogo sobre as sensações e as expectativas em ouvir uma história de um outro modo, por outros sentidos. Os relatos sobre esta experiência foram diversificados, alguns trouxeram a sensação de incapacidade frente ao controle do que perceberiam no decorrer do enredo: que tipo de material iria ilustrar a história? Alguns outros nos disseram que esta experiência foi muito importante para lembrar como o trabalho com os sentidos nos oferecem modos outros de percepção da nossa realidade e ainda, como ajuda a compreender que mesmo com o objetivo de organizar atividades pedagógicas para um grupo, na tentativa de propiciar a aprendizagem de todas as crianças, as experiências são pessoais, únicas.

Fechamos a roda de conversa trazendo um pouco da trajetória de Célestin Freinet que, como professor, trouxe a criança para o centro do processo de ensino-aprendizagem, validando seu olhar e suas palavras como legítimas e fundamentais para a organização do trabalho pedagógico na escola. Esta roda de conversa final foi uma possibilidade de conhecermos como a proposta do minicurso afetou de maneira positiva cada participante.

O que fica?

Neste ponto do texto é necessário tecer considerações finais, mas para além deste “ponto final de escrita” elegemos a questão: o que fica com a experiência deste minicurso? O que permanece e ressoa em nossas vivências/experiências de vida pessoal e profissional é o retomar a nossa condição de sentir e significar, produto e processo de nossas relações inter e intrapessoais.

Com isso, nos voltamos às relações de ensino em sala de aula. Palco de conflituosos diálogos, riquíssimas vivências, lugar de apropriação/resignificação do conhecimento científico e dos sentidos culturais de existência. Contexto que entrelaça muitas vidas e histórias e, por isso, não pode ser pensado fora de uma produção dialógica.

As vivências de sentidos, ou a rememoração das experiências (BENJAMIN, 1994) são constituídas pelas emoções que nos afetam e transformam os significados sobre o mundo no qual estamos inseridos. Levar essa premissa em consideração no momento de planejamento de nossas atividades pedagógicas, nas situações de ensino e intervenção que procuramos elaborar no contexto escolar, para que as crianças possam se apropriar do conhecimento histórico e socialmente construídos pelo homem, pode ser o diferencial para elas, pois somos constituídos por aquilo que nos afeta, pelo que significamos, ou seja, por tudo o que, de algum modo, nos impacta e isto resulta na produção de sentidos.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Haucitec, 2004.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRANÇA, C. C. *O silencioso mundo de flor*. Belo Horizonte, MG: Traço Fino, 2011.

FREINET, C. *Pedagogia do bom senso*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e Criação na infância*: ensaio psicológico. Apresentação e comentário Ana Luiza Smolka; Tradução: Zóia Prestes. Sao Paulo: Ática, 2009.